

LEMBRANÇAS QUE FRUTIFICARAM

Francisco Orofino e Carlos Mesters

Resumo

Em forma de uma carta enviada aos coordenadores deste número de Estudos Bíblicos, os autores destacam a importância da figura de Frei Gilberto Gorgulho no incentivo do estudo acadêmico e na animação da leitura popular da Bíblia. Destacam a leitura da Bíblia entre os pobres das periferias de São Paulo, promovida, especialmente, nas Comunidades Eclesiais de Base, no contexto da ditadura militar no Brasil. Destacam sua atuação no grupo de exegetas, do qual resultou a publicação de um Comentário Bíblico e se originou a revista Estudos Bíblicos. Recordam o método da leitura sociológica da Bíblia utilizada por Gorgulho, tanto no estudo acadêmico como na leitura da Bíblia com o povo.

Palavras-chave: *Hermenêutica. Leitura Popular da Bíblia. Leitura Sociológica.*

Abstract

In the form of a letter sent to the coordinators of this number of Estudos Bíblicos, this article highlights the importance of the figure of Friar Gilberto Gorgulho in encouraging academic study and animation of the popular reading of the Bible. They emphasize the Bible reading among the poor peripheries of São Paulo, promoted especially in the Ecclesial Base Communities, in the context of the military dictatorship in Brazil. Highlight his expertise in the Group of exegetes, which resulted in the publication of a Bible Commentary and originated the magazine Estudos Bíblicos. Remember the method of sociological reading of the Bible used by Gorgulho, both in academic study as in reading the Bible with the people.

Keywords: *Hermeneutics. Popular reading of the Bible. Sociological Reading.*

Caros amigos Tércio M. Siqueira e Antonio C. Frizzo,

Vocês pediram para a gente partilhar algumas lembranças a respeito do nosso amigo comum Frei Gilberto Gorgulho. Eu, Frei Carlos, sou um pouco mais

velho que o próprio Gorgulho. Francisco é bem mais novo. Nós dois aprendemos muito com ele, muito mesmo! Vamos partilhar o que lembramos e aprendemos. Ora fala um; ora fala o outro.

Lembranças dos anos sessenta e setenta

Minha memória não é das melhores, mas nela tem muita coisa armazenada a respeito de Frei Gilberto, desde muitos anos atrás, acho que desde a segunda metade dos anos sessenta. Era lá em São Paulo, naquele remoto início, quando os seminários dos religiosos estavam se unindo num único instituto central. Frei Gilberto era professor de Bíblia, junto com Ana Flora Anderson. Eu também fui convidado a dar aulas de Bíblia. Tínhamos em comum, pois, os três, havíamos estudado em Jerusalém na École Biblique dos frades Dominicanos e estávamos iniciando a caminhada como professores de Bíblia no mesmo instituto central.

Era naqueles anos difíceis do começo da ditadura militar. Frei Gilberto Gorgulho e Ana Flora Anderson já tinham iniciado um trabalho bonito com a Bíblia nas periferias da cidade de São Paulo. Foi nessa época que houve a prisão dos frades dominicanos Betto, Ivo, Fernando e Tito, todos eles confrades de Frei Gilberto, e alguns deles morando com ele no mesmo convento nas Perdizes. Era a época entre 1964 e 1968, a época da *conversão* da própria Igreja. O testemunho e a atitude firme de Dom Paulo Evaristo, arcebispo cardeal de São Paulo, a caminhada cada vez mais forte das Comunidades Eclesiais de Base, a Conferência Episcopal de Medellín em 1968, a influência da voz profética de Dom Helder Câmara, a difusão crescente da Bíblia entre o povo e, sobretudo, nas Comunidades Eclesiais de Base, tudo isto teve uma influência marcante e profunda na animação da leitura da Bíblia junto ao povo nas periferias de São Paulo. Foi neste período que Frei Gilberto e Ana Flora, sob a animação e aprovação de Dom Paulo Evaristo, alargavam e consolidavam aquele trabalho pioneiro com a Bíblia já iniciado nas periferias daquela cidade.

Este trabalho bíblico nas periferias da cidade de São Paulo, animado pelo Frei Gorgulho, cresceu tanto que foi de valiosa ajuda para o próprio Dom Paulo Evaristo, durante a conferência episcopal de Puebla. Durante aquela conferência, as Comunidades Eclesiais de Base e a leitura que elas faziam da Bíblia eram um ponto de discórdia e de tensão entre os bispos participantes da Conferência. Dom Paulo Evaristo fazia parte de um grupo de trabalho, onde também estava o representante do Vaticano, o Cardeal arcebispo Dom Baggio. No grupo houve discussão acalorada a respeito das Comunidades Eclesiais de Base. Elas eram ou não eram fiéis à doutrina da Igreja? O medo do comunismo era o pano de fundo destas discussões. Quando chegou a vez de Dom Paulo dar a sua opinião, ele falou mais ou menos nestes termos: “Vou contar para vocês o que está acontecendo na minha diocese e como as comunidades funcionam na prática”. E ele descreveu o resultado do trabalho feito durante anos pelo Frei Gilberto. Ele contava como

as comunidades se alimentam na Palavra de Deus; mostrava como acontecem os Círculos Bíblicos e como as comunidades procuram imitar a atitude de Jesus a favor dos pobres. Diante da voz vinda da prática, as acusações se evaporavam. O mesmo já tinha acontecido no Concílio Ecumênico de Jerusalém: diante da voz da prática de Paulo, Barnabé e de Pedro, as objeções e críticas de alguns fariseus se evaporaram (cf. At 15,1-21).

O intervalo

Foi assim que conheci o Frei Gilberto naqueles anos sessenta e setenta. Foram anos em que me sentia como um aluno diante do mestre, aprendendo muito. Se você pergunta à comida: “O que você aprendeu do sal?” A comida não sabe responder, mas ela manda você comer um pouco.

Os anos foram passando. Frei Gorgulho continuava em São Paulo e eu fui transferido para Belo Horizonte e, anos depois, para Angra dos Reis. A gente se encontrava menos. Só de vez em quando, em encontros de exegetas ou de teólogos.

Lembranças dos anos setenta e oitenta

Foi no fim dos anos setenta e começo dos anos oitenta que retomamos um contato mais frequente, mesmo morando em lugares diferentes. A partir de conversas e com a ajuda e o estímulo de Milton Schwantes nasceu a ideia de a gente se encontrar, de vez em quando, como exegetas para aprofundar textos específicos da Bíblia e partilhar experiências na maneira de ler e de interpretar esses textos para o povo nas comunidades. Era também para responder a algumas críticas que se ouviam aqui e acolá a respeito da Leitura Popular da Bíblia, como se ela não fosse coisa séria e não tivesse fundamento objetivo nos textos bíblicos.

Assim realizamos vários encontros. De alguns deles eu lembro o assunto: Provérbios, Levítico, livro de Rute, cartas de São Paulo. Cada um de nós levava consigo a Bíblia, de preferência na língua original hebraica e grega; trazia consigo a sua experiência pessoal, tanto de estudo como de prática junto ao povo. Levava também suas perguntas e suas interrogações, tanto práticas como teóricas. Só isso, e nada mais! Nestes encontros, eram, sobretudo, Frei Gilberto e Milton Schwantes que puxavam a reflexão. Foram encontros riquíssimos, uma verdadeira universidade, para todos nós. Éramos em torno de oito a dez pessoas, exegetas e pastoralistas, homens e mulheres, casados e solteiros, jovens e alguns mais velhos.

Foi num destes encontros que nasceu a ideia de se fazer um comentário Latino-Americano da Bíblia. A ideia veio de Frei Gorgulho e de Padre José Comblin que de vez em quando participava do grupo. A ideia foi discutida e aceita por

todos e, aos poucos, foi sendo concretizada. O comentário deu os seus frutos. Frei Gilberto deu a sua contribuição com o comentário do livro de Zacarias. Tudo isto era uma prova da seriedade da leitura popular da Bíblia. Frei Gilberto lembrava que a exegese séria dos textos bíblicos é a raiz de todo o trabalho bíblico junto ao povo. Se a leitura popular não cita as grandes autoridades da exegese e se não faz menção dos estudos exegéticos da academia, não é porque estes estão sendo ignorados. É o contrário. É que a raiz deve ficar debaixo do chão. Não pode aparecer. A árvore frondosa da leitura popular tem raiz boa, pois ela cresce e está dando muitos frutos para a vida da Igreja que se renova. Frei Gilberto Gorgulho era uma prova ambulante desta seriedade tanto no estudo científico da Bíblia como na prática pastoral junto ao povo. Não é preciso você fazer propaganda do sal. É melhor colocá-lo na comida.

A contribuição de Frei Gilberto Gorgulho para Leitura Popular da Bíblia

Muitas outras lembranças a respeito de Frei Gilberto povoam a nossa memória: os encontros de amizade e a maneira como ele trabalhava os textos bíblicos nas aulas. Ele vinha para os encontros com a Bíblia em hebraico nas mãos. Quase nunca escrevia algo no papel. Como seu confrade Santo Tomás de Aquino, Gilberto tinha uma memória organizada e “inesquecível”, isto é, ele parecia não esquecer nada. Organizado e bem ordenado, ele transmitia as coisas sem perder nunca o fio da meada, falando para nós durante as aulas.

Sim, a contribuição de Frei Gilberto para a Leitura Popular da Bíblia é grande. Devemos muito a ele. Quando, por volta dos anos 80, se começava a sistematizar os vários métodos de Leitura Popular da Bíblia, ele ajudou muito. Era o método que, genericamente, era rotulado de Leitura Sociológica.

Para Frei Gorgulho, o objetivo da leitura comunitária da Bíblia, como a expressão da memória dos pobres, era buscar uma Palavra que inspira o amor, a vida e a liberdade. Para tanto, o método básico era a busca da “função social do texto”, chave popularmente conhecida como “a leitura pelos quatro lados”. Tal método mostrava bem sua inserção nos trabalhos realizados na periferia de São Paulo, no ABC e nas lutas operárias na época da Ditadura Militar.

Todos aqueles e aquelas que estudaram com Frei Gorgulho mergulharam num vocabulário bem específico de apropriação de sua proposta de leitura bíblica. Método que poderia ser resumido na “busca social do texto”. Para ele, fazer a Leitura Sociológica significava adotar, na leitura do texto bíblico, os mesmos métodos que usamos para ler a sociedade hoje. Saber ler a sociedade nos capacita para ler melhor a Palavra de Deus, e vice-versa. Nestas páginas de homenagem e de memória, vamos fazer uma pequena revisão de seus princípios metodológicos fazendo lembrança de suas aulas e de sua profunda sabedoria.

Princípios metodológicos

Para Frei Gilberto, leitura é a busca de sentido. Sendo que *sentido* seria “a expressão da *práxis* de um sujeito histórico dentro de um feixe de relações sociais”. Desta forma, o objeto da Leitura Sociológica seria a busca do sentido do texto na sua função social. Ou seja, todo texto nada mais é que a codificação deste feixe de relações sociais dentro de uma determinada construção social. Esta construção social deveria ser analisada a partir do conceito de Modo de Produção. Portanto, dentro desta sua visão metodológica, a leitura que se faz de um texto depende da leitura que se faz da sociedade.

Esta leitura deveria superar toda e qualquer visão idealista e lançar-se numa leitura realista, aquela que se faz a partir de uma *práxis* concreta, a partir da ação e das relações sociais concretas. Busca analisar os verdadeiros mecanismos e o funcionamento real de uma sociedade. Ou seja, deveríamos ler a sociedade a partir de sua ação básica que é o trabalho, sua *práxis* fundamental. Aqui ele fazia sempre a advertência entre *ação* (ato de um indivíduo fechado em si mesmo) e *práxis* (ato orgânico que afeta o conjunto das relações sociais sendo, portanto, transformadora).

Para Frei Gorgulho, a leitura de um texto bíblico seria buscar compreender este texto a partir de dois conceitos básicos: o *feitiço* e a *alienação*. Os objetivos imediatos na leitura do texto era detectar o “feitiço” e a “alienação”. Detectado o feitiço poderia emergir o *espírito*. Percebida a alienação, poderia emergir a *vida*. Toda leitura de um texto bíblico deveria ser uma leitura espiritual a favor da vida. Ele considerava “espírito como um conjunto de relações sociais onde os sujeitos se realizam em seu trabalho”. Desta forma, quando o produto do trabalho humano acaba nas mãos de quem não o produziu, gera a noção de feitiço, ou seja, “o produto do trabalho que não volta para o sujeito que o produziu passa a ter um valor em si, sendo, transformado em mercadoria”. Esse processo gera relações sociais desequilibradas permitindo “a coisificação do sujeito e a personalização da mercadoria”. Aqui se definia a alienação, onde o sujeito, destruído pelo modo de produção através de seu próprio trabalho, tornava-se uma não pessoa. Era a outra face do feitiço.

Concluía ele, na sua leitura bíblica, a idolatria era o grande feitiço. Todo ídolo é um feitiço porque legitima religiosamente a concentração da propriedade, do poder, da opressão. Fazer a leitura é se perguntar se o determinado texto analisado está legitimando ou denunciando o feitiço. Aqui estaria a chave para interpretar as oposições textuais, tais como rico-pobre ou justo-ímpio.

A leitura pelos quatro lados

Para chegar a esta distinção era necessário buscar o dinamismo da vida social presente no texto. Aqui se abria o caminho para a leitura pelos quatro lados.

A partir da análise deste mecanismo, podia-se chegar ao sujeito histórico por detrás do texto. A vida é o social, as relações recíprocas entre os determinados grupos que produzem na sociedade. Aqui teríamos que buscar os dados econômicos, sociais e políticos presentes no texto, tendo em vista detectar as verdadeiras relações sociais a partir dos mecanismos de produção e de consumo. Mas estas relações entre os grupos podem estar mascaradas pela ideologia, a expressão da legitimação dos mecanismos das relações sociais em seu todo. A ideologia é a legitimação, a justificação da divisão e da expropriação do trabalho. Na Bíblia a religião pode ser o grande instrumento ideológico, capaz de mascarar relações sociais desiguais e injustas. O texto bíblico traz este mascaramento apresentando uma religião idolátrica. Mas também a denúncia religiosa desta idolatria. Surge o *conflito*.

Desta forma, analisar um texto é procurar descobrir o conflito, fazendo uma leitura a partir do eixo feitiço-conflito-espírito. Deve-se chegar ao, como ele gostava de dizer, *nervo* do texto, identificando o sujeito histórico e seu projeto. Ler é fazer um discernimento do espírito. Desta forma, toda leitura bíblica só pode ser uma leitura espiritual.

A leitura bíblica deveria ser estrutural, buscando-se o dinamismo de uma economia centrada nas relações tributárias. A mediação analítica exigida seria buscar o dinamismo do sistema tributário. Apenas desta forma chegaríamos à vida social que elabora os textos bíblicos. Isso porque o tributo afeta todas as instâncias da vida social, seja a economia quanto a política e a religiosa. O tributo era a força que estratificava toda a sociedade bíblica. No tributo estavam as raízes e os interesses de determinados grupos sociais. A partir daí entenderíamos todos os mecanismos de opressão, principalmente os mecanismos religiosos que legitimavam o tributo. Por isso mesmo, a análise dos mecanismos do tributo nos ajudam a identificar os marginalizados e empobrecidos, em nome de quem se faz a denúncia religiosa do sistema tributário. Esta é a função social dos profetas. Como ele mesmo diz na Introdução ao seu comentário à profecia de Zacarias: “Desde que as comunidades de base começaram a ler a Bíblia como luz de sua caminhada, a temos redescoberto cada vez mais como a memória dos pobres. É a memória do Deus do êxodo que ouve o clamor dos oprimidos e vem para libertá-los. É a memória da libertação pascal a partir do pão do sofrimento e da miséria. E é o processo de discernimento na busca da justiça do mundo novo”.

Dentro de sua proposta, o eixo da leitura está no conflito. Este conflito deve mostrar a denúncia de um sistema que prejudica a vida. O conflito é a busca da vida para além das construções sociais idolátricas. Ler a Bíblia é buscar a vida nas relações sociais que giram em torno do conflito. Todo texto é a expressão de um conflito social. Não há texto neutro. O texto libertador revelará o rosto de Deus a favor de um determinado grupo, os pobres. Por isso mesmo sempre haverá conflito, na medida em que os pobres começam a resistir à dominação. Esta resistência dos pobres evidencia uma busca pela vida. Ao buscar a vida, revelam

o espírito. Buscando a Vida revelam o Espírito. Este processo acaba por revelar o verdadeiro rosto de Deus.

Condição para ser um bom intérprete

Para Frei Gilberto Gorgulho só poderia ler a Bíblia alguém que se entendesse como parte do povo de Deus. Para ele, povo era a categoria básica para poder entender a proposta bíblica. Segundo suas ideias, povo é uma categoria teológica. Só pode existir povo onde há liberdade, palavra e Espírito. Povo é o grande sujeito histórico que luta para superar a dominação e a alienação, buscando construir novas relações sociais, sinais do Reino. Pertencer ao Povo de Deus é assumir o processo de libertação e de comunhão, sinal da presença de Deus no meio da humanidade.

Caros amigos Tércio M. Siqueira e Antonio C. Frizzo, é isto que conseguimos reunir vasculhando os quartos abarrotados de lembranças da nossa memória. Agradecemos o vosso convite para fazer este artigo. Ajudou-nos a lembrar o amigo e a agradecer a Deus pela vida dele e pelo testemunho que Frei Gilberto deixou para nós.

*Francisco Orofino
Carlos Mesters*